

PQ 9261

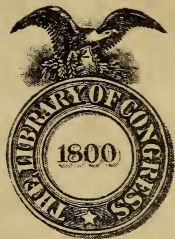
.C575

A7

Copy 1

500 At

26-6-84



Class PQ92G1

Book .G575A7

ALVORADAS

1850

ALVORADAS

POR

Alexandre da Conceição



PORTO

TYP. DE FRANCISCO GOMES DA FONSECA

Rua do Bomjardim, 72

—

1866

PQ 9261
C575A7

387270
'29

33
9
2
1
1
1

A seu pae

O ILL.^{mo} SNR.

BERNARDINO SIMÕES DA CONCEIÇÃO

offerece este livro,

*em testemunha da mais pro-
funda respeito e amor filial,*

○ Auctor

A MEU PAE

Se tudo quanto vive é grato ao Deus da vida,
se a flôr deve o perfume ao sol que a fecundou,
eu, pois que vejo em si a imagem reflectida
de Deus, sol da minh'alma, a flôr d'alma lhe dou.

EM VEZ DE PROLOGO

N'esta luta fecunda dos espiritos,
que tem por vasta arena a imprensa — um mundo —
e por meta o ideal,
na phalange dos que andam trabalhando
por levantar a Deus, ao Bem, um templo
das ruinas do mal;

n'esta cruzada santa do progresso
que traz todas as almas empenhadas
 que sabem crêr e amar,
não é nunca de mais qualquer esforço,
não é nunca de mais qualquer obreiro
 que queira trabalhar.

Neophyto sem nome e fraco e debil,
não me arreceio pois de vir á festa,
 festa de communhão ;
não temo ser expulso d'este templo,
que não trago na capa dos hypocritas
 envolto o coração.

Bem nu de mais temo eu que elle se mostre
n'este tempo em que dizem que os poetas
 já sorriem do amor ;
do amor !... a cousa santa entre as mais santas,
entre os homens mulher, Deus entre os idolos,
 entre os espinhos flôr.

Se amar é ser creança, estou no berço ;
poeta e não amar !... não sou poeta
nem o desejo ser,
que não acho eu ahi cousa mais bella,
mais formoso ideal, mais santo enlevo
do que seja a mulher.

Mas mulher que nos erga e nos levante,
mas mulher que nos mostre em caso riso
um mundo a conquistar,
mulher que nos não seja mansenilha,
mas arvore de vida a cuja sombra
possâmos descansar.

Mulher como a Brunhilt dos Nibelungen,
que só qu'ria cingir ao peito altivo
o peito d'um heroe ;
mulher que nos console e nos anime,
quando formos vasar-lhe na alma candida
a mágoa que nos doe.

E eu dei com almas d'estas no meu transito ;
deixei, pois, como deixa um namorado,
cantar o coração,
e se mirrha levei a outros idolos
foi por sentir ferver dentro do craneo
a mesma inspiração.

Ide, pois, ó meus versos, ide em bando,
como notas dispersas d'esse cantico
das aves da manhã ;
tendes por certa a gloria... da indiff'rença ;
se qualquer alma, pois, vos der abrigo,
essa alma é minha irmã.

RILIGIO

(A Custodio José Duarte)

Não digam que depois da palpebra cerrada
A luz que em nós brilhou não dura um só instante,
Que a sombra é sempre sombra e o nada é sempre nada...
O carvão em crystal é um puro diamante.

(Custodio José Duarte.)

Pois a minha alma é pó quebrado o vaso?
Então como é que a idéa se aniquila?...
Onde se esconde esta intima sybilla
que me diz que inda ha luz depois do occaso?

Quem pensa no infinito volve ao nada?
Quem sonha o goso eterno ha-de acabar?...
E' bem inutil, pois, este aspirar
a uma ventura, aqui nunca encontrada.

O fogo que me anima, ai! não, não finda!...
E' mais que pó a chamma de uma idéa,
e este intimo anhelar que me incendêa
ha-de encontrar seu goso em vida infinda!

A lagem tumular é o firme apoio
d'onde nossa alma anciosa vâo ao ceu,
terra que impura limpha recebeu
para a golfar mais longe em claro arroyo.

Não vejo aqui na terra mão tão forte
que possa aniquilar-me o pensamento,
e Deus, dando-me a luz do entendimento,
não pôde, sendo justo, dar-lhe a morte.

Serei eu como a folha desprendida
que um sopro eleva e um sopro volve ao chão,
eu, que sinto banhar-me a inspiração
se penso bem nos gosos de outra vida !...

Eu, que me vou sentar sobre a montanha
às horas langorosas do sol posto
e às solidões contar o meu desgosto,
como se m'ò entendêra fada estranha ?!...

E é pó... e é tudo pó?!.. Mas, quem blasphema?!..
O acaso póde, loucos, ser um Deus ?!...
Olhae... olhae a abobada dos ceus :
dizei-me se entendeis esse poema ?...

Dizei-me se esse turbilhão de estrellas
lançadas pelo espaço como a areia,
o acaso as procreou, ou se uma Idéa,
n'um tempo que eu não sei, foi accendêl-as.

Eu cerro o olhar e vejo !... Como é isto ?
Que força aqui da terra eleva ao ceu
minha alma quando o corpo adormeceu,
então que eu para a terra não existo ?!...

Loucos !... ha n'esta vida tal ventura
que possa completar qualquer destino ?...
e eu quando a um pensamento a fronte inclino...
é para o vêr morrer na sepultura ?

Loucos !... Pois eu que penso, e quero e sinto,
que sei que existe Deus — o immenso amor —,
que o busco, sequioso viajor,
sem vê-lo, mas que existe bem presinto,

não sou mais do que o verme que se arrasta ?!..
(Ou mesmo não serei eu tanto ainda...
quem sabe se a existencia n'elle finda,
se apenas esta vida aqui lhe basta !...

Quem sabe?)... Oh! eu... eu sei de mim um pouco:
eu sei que Deus não póde ser o mal,
sei, pois, que esta minha alma é immortal
— raio de cuja luz é Deus o foco! —

A' ACTRIZ

Emilia das Neves e Sousa

Fundi n'um typo só a arte e o genio,
juntae estes dois bellos ao das fórmas,
 ao bello da mulher;
mettei-lhe n'alma a inspiração dos anjos,
e sobre o pedestal da caridade
 adore-a quem souber.

Sente-se orgulho ao vêr-te portugueza!...

a terra de Camões é tua patria,

escolhida de Deus!...

Esta nação colosso inda em ruinas

faz brotar d'entre as pedras desconjuntas

uma flôr dos ceus.

Scintilla-te no olhar vago e profundo

aquelle fogo santo dos prophetas

que vem do coração!...

Em ti ha não sei que de um bello antigo

que faz lembrar a Sapho erguendo a fronte,

ébria de inspiração.

Como o anjo da poesia, ora a tua harpa

desferes sobre a aresta de um abysmo

das tormentas á luz,

outras vezes serena e pensativa,

como o anjo da saudade, vais sentar-te

junto aos degraus da cruz.

*

E's como o Orpheu das tradições da Grecia,
arrastas na harmonia do teu genio
o mundo apoz de ti!...

Creio, como Platão, mulher, ouvindo-te,
n'uma existencia incerta de outra vida
passada, onde te ouvi

Tu és o que se sente e não se exprime...
és como a fôrma angelica do bello
no seu maior fulgor!...
és a poesia immensa do universo,
vaga, incerta, reunida n'um só typo
pelas mãos do Senhor.

Quem te souber cantar que o faça... eu calo-me ;
és como a luz do sol ante meus olhos,
não te posso fitar!...
Sinto-me estremecer de enthusiasmo,
mas eu, bem vês, não tenho a voz de Homero
e não te sei cantar.

DE NOITE

Archanjo, não te assuste da noite a magestade
e vem, pallida virgem, sentar-te ao pé de mim ;
estende ao largo a vista no azul da immensidade
e lê no livro eterno de paginas sem fim.

Que vês? — O incompr'hensivel! — E' Deus... não tenhas medo.

Que mais? — Milhões de estrellas! — E' o throno do Senhor.

Depois? — Lá surge a lua detraz do arvoredol—
E' urna onde anjos queimam incenso ao Creador.

--Eu sinto-me opprimida!--Reclina-te em meu seio,
que eu canto ao som das vagas e dorme-te a sonhar;
esconde-me os teus olhos... no azul dos ceus eu leio
mysterios d'esse affecto que exprime um teu olhar.

Perfumes que da encosta voais na aragem mansa
da noite socegada, quedae-vos ora aqui,
adejai sobre os labios da virgem que descança
em paga ireis mais ricos, mais suaves d'alli.

Eil-a a estatua de neve, que de espuma se veste!...
Como a dormir é linda... Não dorme, pensa em Deus,
lirio que fecha o calix e o perfume celeste
no zephiro das tardes envia para os ceus.

O' lua, não m'a roubes, ou leva-me com ella
de manso pelos ares immerso em teu palor,
tu tens milhões de estrellas, e eu só tenho esta estrella...

O' lua, não m'a invejes, não m'a invejeis, Senhor.

O ROUXINOL

E' noite ; tudo dorme,
e até lá em baixo o mar ;
como para scismar
calou a voz enorme.

Da terra os seios tumidos
arfam, por que o ribeiro
no tronco do salgueiro
imprime os labios humidos.

No campo é calmo tudo ;
a aragem sobre a flôr
suspira ébria de amor
e da-lhe um beijo mudo.

Ao longe o ceu desmaia,
e aos valles, da montanha
desce uma brisa estranha
sobre a folha da olaia.

Lá surge da assomada
a lua pelo ceu...
o lirio estremeceu
ao vêr a sua amada!...

A rosa da campina
córrou ao ver-lhe a face,
como se divisasse
o rosto que a fascina.

E' noite; e do arvoredo,
lá em baixo aos salgueirae
de quando em quando uns ais
sahem como em segredo.

Depois pelas escarpas
repetem-se cadentes,
como notas plangentes
de solitarias harpas...

E' o rouxinol da margem
que envia ás solidões
d'alma as inspirações
nos perfumes da aragem.

Treme-lhe a voz, e o canto
sae-lhe como inspirado,
tão doce e apaixonado
que mais parece um pranto.

E cala-se um momento,
como para aspirar
no palor do luar
um novo pensamento.

Depois baixinho, a medo
modula branda nota
que vae perder-se ignota
nas sombras do arvoredó.

Então ébrio retoma
a lyra de crystal,
e ao canto o salgueiral
de amor agita a coma.

Tudo treme e delira,
tudo anceia, enlouquece !...
e o rouxinol parece
que mais e mais se inspira.

Eil-o acaba tremente
soltando um longo ai...
Que folha ao rio cae
e desce na corrente?

E' elle, que, poeta,
su'alma aos ceus envia
em ondas de harmonia,
chrysalida inquieta.

DESENGANOS

(Ao Snr. J. D. Ramalho Ortigão)

Fallece-me a coragem n'esta luta ;
não quero mais erguer que é sempre em balde
meus vôos para a luz ;
que lute quem tiver forças p'ra isso ;
eu não ; deixo no meio da montanha
esta pezada cruz.

Sacudo o pó da veste em desalinho
e vou sentar-me á sombra do arvoredão...
 preciso descansar;
quebrou-me exorço debil... dei um passo;
mas logo vi que as forças me faltavam
 para poder andar.

Romeiro de um só dia, julguei sempre
que para vêr a Meka desejada
 bastava a fê e o amor;
loucura de fanatico !... a victoria
não se alcança por crêr muito na causa,
 precisa-se valor

Conheci o meu erro muito cêdo...
Inda bem... inda bem que não fui longe
 do tecto paternal;
se me tomasse a noite no caminho
não podia guiar-me para a volta
 o fumo do casal,

E eu amo tanto a vida socegada,
a vida junto ao lar, a vida obscura,
a vida sem rumor!...

Os conselhos de um pae que nos adora
e as carícias da irmã disputam mimos
a qualquer outro amor.

Alli não custam lagrimas as palmas;
alli não ha traição em nenhum riso,
nem o insulto vil;
quando o pezar a fronte nos acurva,
ha sempre um seio amigo onde escondel-a...
e o anno é sempre Abril!

O anno é sempre Abril, e eu amo as flôres,
as noites de luar, um ceu de estrellas,
o rio e os salgueiraes!...

Eu já pedi a Deus outr'ora os gosos
de uma vida agitada e concedeu-m'os...
ai! não os quero mais.

Tomou-me bem depressa o desalento.
Depois julguei ouvir soar no espaço
a palavra de Deus,
senti banhar-me a luz do enthusiasmo,
e ergui, ébrio de amor, de fé e crenças,
a vista para os ceus.

Julgava eu que o Senhor tambem me dera
aquelle fogo estranho dos prophetas
que os faz estremecer! . . .
Quiz lêr tambem no livro dos destinos,
mergulhar meus olhares no infinito;
mas . . . não passei de qu'rer.

Subi á tarde aos cimos da montanha
vêr o sol afundar-se todo chammas
nas solidões do mar,
ouvi estremecendo a voz dos ventos,
senti a inspiração banhar-me o rosto;
mas... não pude cantar.

Cantar!... Como cantar 'o que em minha alma
se passava a taes horas, se hoje mesmo
inda o não sei dizer?!...

Cantar?!... Como cantar a immensidade,
a luz, o ceu, o mar, se o livro eterno
só Deus o sabe lêr?!

Embalava-me a vida um côro de anjos,
banhava-me a pupilla um raio de ouro,
a inspiração do amor!...

Um riso de traição toldou-me os ares,
collocando-me o ceu a uma distancia
que eu não posso transpôr

Embora! Não fallemos do passado,
de uma illusão de amor que ao dissipar-se
os seios me rasgou!

Não é para tristezas o momento,
quero entrar a sorrir-me no caminho
que a razão me apontou.

Mas volto a face ás bandas do Oriente,
e prostro-me por terra ante os fulgores
da luz que eu adorei ;
se eu não posso seguir mais adiante,
quero saudar aqui todo o romeiro
que vá onde eu não sei.

Outr'ora desejava muito as palmas,
d'essas que as mais das vezes só ao tumulo
concede a multidão,
hoje, que me encarei no proprio orgulho,
retiro mal ferido d'esta luta ;
mas salvo o coração.

E eu tenho quem me entenda os cantos da alma,
já agora não procuro outras victorias,
nem quero outro viver ;
a irmã quando me estende os braços, rindo,
compensa-me sobejo os poucos louros
que eu podesse colher.

SIMILIA SIMILIBUS.....

Vês?... quando á tua face o pejo assoma,
como no ceu a nuvem matutina,
ou quando esse rubor que te illumina
escondes a sorrir entre a aurea coma,

parece-me estar vendo n'esse pejo
a timidez da pomba que tem medo
do mais leve sussurro do arvoredo,
cuidando que o rumor lhe pede um beijo.

A ti tambem... meu Deus!... tudo te assusta!...
Que medo podes ter quando eu te fallo?...
Por que córàs assim quando eu me calo?...
Parece que até mesmo a olhar te custa!

Se te fallo de amor não me respondes,
se vou para beijar-te ris córando,
e concedes o beijo, mas curvando
a frente ao seio, aonde tu m'a escondes.

Esconde; olha, eu, por mim, não me arrenego;
o que te digo é que esse teu receio
faz ás vezes com que eu te beije o seio,
como errando o caminho — se estou cégo! —

Desterra para longe esse embaraço;
vamos, olha p'ra mim, mas sem tal pejo;
vamos, se não córares dou-te um beijo,
se córares... então... dou-te um abraço.

NO TUMULO DE UMA CRIANÇA

Passou como nas harpas da floresta
passa ás noites a brisa do Occidente,
passou como nas agoas da corrente
passa o lirio que o vento arranca á leiva;
passou como nas auras um perfume,
sem deixar mais vestigios que a saudade,
passou, rosa de um dia, á immensidade,
a procurar em Deus a eterna seiva.

SONHOS

(A Pedro de Lima)

Sonhos doirados de gloria,
quem vos desfez, meus amores,
pombas e chuva de flores
do meu carro de victoria,

côro alegre de andorinhas,
que logo de madrugada
me cantava uma alvorada
de sobre as casas visinhas,

anjos pallidos que eu mudo
via cercarem-me em bando,
se me assentava scismando
á minha meza de estudo,

grupo de sylphos travessos,
que me appareciam á sesta
na luz vaga da floresta
e á tarde pelos cabeços...

Quem vos desfez, meus encantos,
meus sonhos de mocidade...
sem me deixar, é verdade,
um só de tantos e tantos?...

Inda assim o amor — que louco! —
é minha esp'rança e meu rumo,
ai! mas vae-se como o fumo,
desfazendo a pouco e pouco.

Se ao menos esta... mentira
m'a não dissipasse a vida,
eu dava por bem perdida
toda a gloria que antevira.

Oh! a multidão com palmas
nunca exprime o que se exprime
no beijo longo, sublime
da fusão de duas almas.

Como eu dera de bom grado
todas as glorias do Dante
por um beijo delirante,
por um collo perfumado;

por um seio, um agasalho
onde a minha fronte mesta,
como n'um dia de festa
repousasse do trabalho ;

por ter quem n'um riso brando
me revelasse os mysterios
d'aquelles versos aërios,
que eu julgo escrever sonhando ;

por ter quem estas doidices
dos meus vinte annos escaços
repr'hendesse com abraços
e acalmasse com meiguices ;

por ter quem algum desejo
no meu rosto descobrindo
viesse correndo e rindo
satisfazer com um beijo ;

por ter quem, leve e ligeira,
com medo que eu despertasse,
ao meu leito se achegasse
sentando-se á cabeceira ;

por ter quem, quando me visse
sobre algum livro scismando,
sòsinho, gesticulando,
m'ò roubasse e m'ò sumisse ;

por ter quem, vendo-me triste,
sinta a tristeza comigo,
por ter na vida um abrigo,
por ter um anjo, se existe !

O' meus amores risonhos,
ó meus amores serenos,
não me fujais vós ao menos,
já que não tenho outros sonhos !

AVE CHRISTE!

(A J. Maria Regalla)

A Italia era o prostibulo das raças.
Roma, a heroica Lucrecia dos Tarquínios
tornara-se a bacchante dissoluta
dos festins dos Caligulas e Neros.
O mundo, acorrentado ao Capitolio,
segundo Prometheu de um drama horrivel,
estorcia-se em ancias de agonia

sentindo nas entranhas as cem garras
da escravidão — abutre hediondo. — Os homens
eram vendidos em leilão aos centos,
ou rasgados no Circo pelas feras
aos applausos de uma plebe infrene
que levava Vitelio sobre o escudo
e assassinava Cicero na estrada !
A terra estremecera a tantos crimes ;
depois, ébria de sangue e de torpezas,
cahira extenuada de cansaço
e par'cia dormir um somno eterno.
Foi então que dos lados do Oriente,
das montanhas distantes da Judêa
se ergueu o sol da Redempção humana.
Roma, cega das noites de Suburra,
sentindo a luz de aurora tão esplendida
chover-lhe sobre as pustulas sangrentas
raivou blasphemias de um furor selvagem,
e louca pela idéa de vingança,
cabaleando embriagada e tropega,
como um homem que sae de uma taberna,
cahiu ao tropeçar nos proprios idolos !

Sobre as ruínas do colosso informe
ergueu-se então a cruz do Christianismo,
arca mysteriosa de alliança
salvando a humanidade de um diluvio.
Salve, arv're symbolica da idêa
que faz de um homem bom um Deus de graça !
Salve, ó luz benefica dos mundos,
phanal de esperança a encaminhar os povos
à futura existencia de alem tumulo ! . . .
Eu creio em ti, ó victima do Golgotha !
Das f'ridas do teu corpo incorruptivel
cada gota de sangue é um mar de vida ;
dos teus labios, cerrados perdoando
deriva a fonte pura da verdade ;
a teus pés, magoadas e sublimes,
pranteia a Magdalena e chora a Virgem ;
o clarão que te cerca a fronte loura
é luz que vem dos ceus e inunda a terra !
Salve, salve, ó victima do Golgotha !

HARMONIAS VAGAS

Desprende as azas no espaço,
anjo immenso de poesia,
leva-me aos ceus, á harmonia
dos mundos d'onde vieste,
desata os laços da vida
ai! . . . mas leva-me contigo,
não me deixes, meu abrigo,
não me fujas, flôr celeste.

Soltas as roupas na aragem,
as louras tranças ao vento,
no vago do firmamento
o longo olhar embebido,
foge, vai, mas não me deixes,
meu doce anhele mais santo...
anjo, envolve-me em teu manto,
nas pregas do teu vestido.

Como a lua ás horas mortas
ergue a cabeça em segredo
por detraz do arvoredó
de uma solitaria aldêa,
tu tambem ergue o teu rosto,
desprende as azas... ai!... foge...
quero entrar contigo hoje
no ceu, o templo da idêa.

Lá vem surgindo da serra
a pensativa dos ermos...

é a hora de nos perdermos
no seio da eternidade!...
Sobe á crista da montanha,
soltas as tranças, ascende...
teus vôos ao largo estende,
pelo espaço... á immensidade!...

Entorna da lyra aëria
mais um canto, um canto vago...
olha: é tão sereno o lago,
tão sereno o firmamento!
Vem, deixemos esta vida,
que eu na terra viva morto,
só depois de em ti absorto
acharei meu pensamento.

SOLIDÃO

(A J. Dias d'Oliveira)

Vai-se-me a vida em sonhos de ventura;
já mesmo dentro d'alma se me apaga
a esp'rança de gosar;
e aquella imagem, toda formosura,
d'um futuro de amor já não me affaga
meu constante sonhar.

Julguei retê-la um dia ; e ebrio e louco
de ventura dei-lhe o que sentia
de bom no coração !...

Fui o mendigo, em sonhos rico ha pouco,
que acorda e sobresalto e vê vasia
e pobre a fria mão.

Estendo ao largo a vista no horisonte
e perde-se-me o olhar na immensidade
de um areal sem fim !...

Se volto ao que hei passado, ao dia de hontê',
é tudo gêlo, bruma, escuridade,
não sei por onde vim.

Longe, bem longe, incerta, vaporosa
julgo estar vendo a imagem pensativa
d'um bello e casto ser,
orna-lhe a fronte pallida e formosa
a aureola de uma luz que me cativa...
ai ! mas não é mulher !

Agitam-se-lhe os labios ao de leve,
ergue a fronte e sorri, falla ao infinito...

Gloria ! — Meu Deus, que luz !
Loucura!... a ave nocturna não se atreve
a o sol fitar e foge dando um grito
do brilho que a seduz.

Como a virgem que junto da corrente
se vai sentar sosinha e distrahida
scismando sem pensar,
eu vejo deslizar-se brandamente
um dia apoz mil outros d'esta vida
sem goso, nem pezar.

Eu quero em meu baixel, a vela ao vento,
vogar em mar revolto, oh ! muito embora
me sorva um escarceu !
De que me serve esta alma, o pensamento
se não tiver o seu gosar de uma hora?...
só morre quem viveu.

E a vida assim tão fria, tão deserta,
tão inútil, embora socegada

não tem gosos p'ra mim !...

Apraz-me a vaga torva ondeando incerta...

não amo a symetria compassada

nas flores de um jardim.

Eu quero o mar, a luz, o ceu, o espaço
e o meu barco saltando ondas de espuma

ao largo pelo mar,

sentir-me preso á vida por um laço

que me pague as caricias uma a uma,

que chore se eu chorar.

A hera tem o muro onde se abraça,
a flôr tem outra flôr que a comprehende,

toda a magoa tem dó,

a vide tem o olmeiro onde se enlaça,

ao pobre a caridade a mão estende,

Senhor, e eu vivo só.

Assento-me ao banquete dos prazeres
como um conviva taciturno e frio
 que não ama ninguém ;
como o sorrir de impudicas mulheres
que riem p'ra agradar, eu também rio
 se vejo rir alguém.

Mas sinto o gelo na alma ; nunca um riso
em mim traduz a intima ventura
 do que na vida crê ;
ao longe, no futuro, não diviso
nem uma rosa, um ponto de verdura
 que uma esp'rança me dê.

Do berço á campa é solitaria a estrada ;
sou como a harpa suspensa na palmeira
 tocando á solidão,
um som 'de corda em paramo estalada
p'los ventos do deserto e qual poeira
 perdido na amplidão.

E quando alfim no extremo do caminho
lançar um olhar amortecido á vida
para dizer-lhe adeus,
oh ! como agora e sempre orphão, sosinho,
Senhor, não terei uma voz querida
que me chame dos ceus?

PRECE

Quem me diz o que eu sinto se ao sol posto
me vou sentar nos cimos da montanha?...
Que sons, que melodia de harpa estranha
me torna o olhar em fogo e em fogo o rosto?

Que vejo alem, nas faxas do Occidente?
Que sede do infinito me devora?
Acaso a luz que esse horisonte córa
me falla da que brilha eternamente?

Desejo o ceu, voar na immensidade
perder-me n'esse mar dias sem termo,
buscar na solidão e de ermo em ermo
uma alma igual á minha em mocidade.

Eu sinto em mim o peso do infinito,
um desejo de amor ardente e vago...
apraz-me ás noites só ir junto ao lago
sentar-me sobre as rochas de granito.

Oh ! quem me dera as azas da aguia altiva,
buscar no espaço o ar que est'alma anhela,
fugir, correr voar de estrella a estrella,
vêr pó esta prisão que me cativa,

vagar incerto na amplidão do espaço,
transpôr a curva azul do firmamento
correr nos ares como corre o vento,
cahir alem dos mundos de cansaço !...

E eu amo tudo: o monte, o prado, a rosa,
o ceu, a terra, o sol, o mar, a espuma;
quero, pois, estas formas uma a uma
juntal-as n'uma só e mais formosa!

Oh! rasga o espaço, emmanação divina,
e senta-te ao meu lado, anjo formoso,
o vacuo da minha alma enche de goso,
e ao peito que me arqueja a face inclina;

murmura-me essas fallas de ternura
que já te ouvi em sonhos de criança,
surge no ar, estrella de bonança,
illumina-me a vida de ventura.

Ando sempre a estender p'ra ti meus braços,
como Christo os estende á humanidade,
e em vez de me abraçar a uma verdade
só encóntro por meus frios espaços.

Vem, pomba, dar-me a nova da bonança,
illuminar-me a vida de ventura,
murmurar-me essas fallas de ternura
que já te ouvi em sonhos de criança.

Aos

ACADEMICOS DE 63

(Na noite de um beneficio que elles deram no theatro de S. João do Porto a favor das victimas da ultima insurreição polaca.)

Eis pois mais um conviva á meza do progresso!...

Eis mais um nobre esforço, eis mais um arremesso
na estrada do porvir!...

Um povo ergue-se alem, do Vistula, inspirado
lança um grito no espaço!... Quem tão potente brado
deixaria de ouvir?

Escuta-o Portugal, e su'alma estremece
de puro enthusiasmo, o olhar lhe resplandece
da luz da inspiração!...

E ardente, nobre e grande, encara a immensidade,
e manda ao povo irmão, na voz da mocidade
um abraço de irmão.

Oh! terra de Camões, nem tu, nobre, podias
renegar o valor e a fé que em outros dias
provaste a combater!...

E' teu irmão de certo, é teu irmão nas crenças
o povo que prefere a luz ás trevas densas
e diz: — Quero viver! —

E luta e ha-de viver que lhe assiste um direito
o mais santo que Deus nos infundiu no peito:
ser livre por pensar!

Deus fez-nos a alma livre, é livre a intelligencia
do homem, ou da nação que busca a luz da sciencia
para se allumiar.

Quem poderá suster a estrella nos espaços ?
Quem pode a uma nação fazer cruzar os braços
e prohibir-lhe a luz ?
Então é uma chimera a palavra do Eterno ?...
E', pois, um sonho mau, um escarneo do inferno
o Golgotha e a Cruz ?

Pois o povo que luta, o povo grande e nobre
ha-de ser sempre o lodo, o miseravel pobre
que nos estende a mão ?
Que fez então o Christo em subir ao Calvario ?
Que fez ensanguentando a tela do Sudario,
se existe a escravidão !

Mas vós, cuja alma incende o fogo da sciencia,
que adorais esta luz chamada intelligencia,
como os Incas o sol,
que estremeceis de amor á voz da Liberdade,
como estremece a flôr á viva claridade
de um formoso arrebol,

fizestes bem em vir ; aqui a vossa crença
é Evangelho santo, é uma fé immensa
igual á vossa fé!...

Ouvindo atravessar o espaço o vosso grito,
como a um sopro de Deus, d'um impulso infinito
erguemos-nos de pé !

Bem vindos, pois, irmãos; bem vindos, pois, de novo,
filhos da liberdade, apóstolos do povo,
á terra liberal !

Nós saudamos comvosco essa primeira hora
de uma grande nação, como já foi outr'ora
saudado Portugal.

EXCOMMUNGADO

(No album de Custodio José
Duarte)

I

Era moço e poeta e bom e louro... um Christo ;
e pagão como Goethe, havia n'elle um mixto
de Phidias e Platão, de artista e pensador
que o fariam querer e amar a propria dôr
só para se estudar no grande livro da alma.

A fronte um pouco baixa e pensativa e calma
par'cia procurar na terra — a grande mãe —
as fontes de onde jorra a força, a vida e o bem.
Em seu olhar sereno havia um que de vago
que fazia lembrar um socegado lago
refletindo no espelho a cupula dos ceus
profunda como o eterno e immensa como Deus.
Em seu pallido rosto, a sombrear-lhe os labios,
via-se a ruga leve e modesta dos sabios,
não filha do desdem, mas filha do saber.
Espirito de Vico em peito de mulher,
austero scismador, tinha na sua estante
a par de Hegel Camões e de Pascal o Dante.
E sonhava, aquella alma, ébria de muita luz
no abraço fraternal do Crescente e da Cruz.

II

Era moço e poeta e bom e louro e triste;
amava quanto soffre, amava quanto existe,

e tinha para tudo o que é sublime e bom
no coração, um canto e em sua lyra um som.
Fallava em redempção, em destinos dos povos,
em idades de luz, em horisontes novos,
no progresso do bom, em Deus e no porvir,
como se já no mundo estivesse a cair
a benção do Senhor no dia das venturas
em que elle ha-de descer á terra das alturas.
Um dia ouviu-o alguém, andando elle a scismar
uma tarde na praia, estas phrases soltar :

III

— « Se não existe Deus, como é que o pensamento
chegou a conceber um Deus um só momento?...
podia acaso uma alma arder n'um grande amor
sem a idêa do bem, do justo e do melhor?
Se a natureza é Deus não creio no infinito;
alem da criação e do mundo que habito

ou ha-de preexistir o immenso, o eterno ser,
ou eu que n'um momento o pude conceber
sou esse creador, e caio no impossivel.

Existe Deus portanto, um Deus indivisivel,
consciente, infinito, eterno, sabedor,
causa de todo o bem, fonte de todo o amor,
que prende a terra ao ceu pelo laço da idea,
a vida a cada corpo, o mar ao grão de areia,
o mastodonte ao verme, a planta ao mineral
e o homem como um filho aos seios do ideal.

Como é que sem um Deus haveria a verdade
a virtude e o bem, o mundo e a immensidade ?

E tu, ó grande mar, como é que sem um Deus
servirias de espelho ás estrellas dos ceus ?

E tu, meu coração, que aspiras o infinito
andarias em balde a suspirar, proscripto,
por um mundo melhor, um mundo todo luz
sem n'um Golgotha, alfim, depôres essa cruz ?

O' verdade sublime, ó infinito aneio,
pois hei-de eu ter cá dentro, aqui dentro do seio
uma cousa que sonha a eterna perfeição,
e ha-de ella estar sujeita ás leis da corrupção,

como uma cousa vil sem luz, nem consciencia?!..
Protesta, ó coração, protesta intelligencia !

IV

Era moço e poeta . . . aos vinte annos morreu ;
e um bom de um sacerdote excommungou o *atheu*
que não cria na Igreja, em padres nem nos santos,
e dissera a expirar á mãe lavada em prantos :
--«Abençôa-me, ó santa, e dá-me a extrema uncção
de um teu abraço, ó mãe, ó grande coração,
onde eu sempre encontrei á superficie e ao fundo
consolações do ceu para as magoas do mundo,
biblia onde eu aprendi a sciencia do amor,
d'aquelle amor do bem puro de magoa e dôr,
ninho que me acoitava em horas de tristeza,
templo onde eu adorei a Deus e á natureza,
ó santa pelo amor aos humildes e aos teus,
abençôa-me tu, que me revelas Deus.

VISAO

(A Cherubino Lagoa)

Ai! quem me dirá onde
eu possa ir encontral-a
a visão que me falla
e sempre se me esconde?

*

Em sonhos me namora,
e acordado me foge...
eu quero vê-la hoje,
eu quero vê-la agora.

Eu quero ouvir o harpejo
da sua voz suave
como o canto de uma ave
em seu primeiro adejo.

Eu quero vê-la ao perto
e em seu olhar divino
lêr todo o meu destino,
como n'um livro aberto.

Quero vêr se acordando
em seu rosto diviso
aquelle mesmo riso
que eu lhe via sonhando.

Quero vêr se ella ainda
tem um vestido leve,
mais branco do que a neve,
que a fazia tão linda.

Quero saber depressa
em que jardim de amores
nascem d'aquellas flores
que ella traz na cabeça..

E quero que me ensine,
para poder cantal-a,
a lingua que ella falla
e que se não define.

Quero cantar-lhe as magoas
que eu tinha antes de vêl-a
e que eu só e sem ella
ia contando ás agoas.

Quero dizer-lhe tudo
o que minha alma sente,
e abraçando-a tremente
dizer-lh'ó outra vez mudo.

Quero vêr-lhe os cabellos
d'aquelle estranho louro
que me parecem de ouro
a mim, que cego ao vêl-os;

e desatar-lh'os, rindo,
do seu tímido enleio,
em ondas pelo seio
que arfando a está trahindo.

Quero esconder nas tranças
a minha e sua fronte,
ninho em chorão da fonte
de duas pombas mansas.

Eu qu'ria á sua face
unir tanto o meu rosto,
que o anjo do desgosto
nunca lh'a divisasse.

Ai ! quem me dirá onde
eu possa ir encontral-a
a pomba que me falla
e o ninho em que se esconde ?

AO PARTIR

Adeus... não chores... tem animo !...
hei-de voltar, meu amor !...
Tu, filha, pede ao Senhor...
pede que eu volte depressa.
Não quero vêr-te assim tremula
abraçando-me a chorar...
Coragem !... hei-de voltar
quando menos te pareça.

Olha... esconde-me essas lagrimas...
eu não choro... tu bem vêes...
D'aqui a um anno talvez
eu volte co' as tuas flôres.
Que importa, pois, esta auzencia,
se temos tanto porvir?
Eu quero vêr-te sorrir.
sê minha amiga... não chores.

Não chores; basta o martyrio
de pensar que vou viver
longe de ti... sem te vêr...
vê que existencia me espera!
E' força partir... abraça-me!...
Vamos, não chores... adeus!...
— Quem ao menos, grande Deus,
estas lagrimas tivera! —

AO REI

No sec'lo pensador em que vivemos,
nós, os filhos do povo, já podemos
erguer a fronte aos ceus ;
não nos cega de um rei a magestade ;
ha acima da c'rôa a liberdade.
e acima d'esta Deus.

Cahiu emfim o sceptro ao despotismo!...
a cerimonia augusta do baptismo
 não é formula vã!...
todos tem um logar á mesma ceia;
um rei não é um sceptro, é uma idea
 da liberdade irmã.

E a liberdade é o facho que alumia
a palavra da lei — essa poesia,
 essa luz da razão —;
o povo o heroe sublime do poema,
o rei o mesmo povo n'um diadema
 que se chama nação.

E um povo assim se aos pés de um rei se prostra,
é que vê n'elle o homem que lhe mostra
 o caminho a seguir,
é que vê n'elle a mão tres vezes santa
que aos ventos do progresso nos levanta
 o pendão do porvir.

O porvir!... o porvir!... coisa sublime!...
idea que se sente e não se exprime
como a idea de Deus!...
mysteriosa visão da humanidade!...
voz que faz levantar á mocidade
a fronte para os ceus!

O porvir!... o porvir!... Ha quem me diga
que mysterios o espaço infindo abriga
na sua vastidão?...
O immenso de uma idea não se pinta;
o segredo da portentosa tinta
não sai do coração.

O porvir!... que nos falla do infinito,
como do Iman o solitario grito
nas torres de Stambul!...
tudo o que é grande e bom, sublime e vago,
mas onde se vê Deus, como n'um lago
o firmamento azul!

E o rei é esta idea grandiosa,
a columna de luz, mão poderosa
 que nos conduz ao bem!...
é o Moysés, que á frente do seu povo
lhe aponta no porvir destino novo
 seguindo-o elle tambem.

E' este o rei que eu hoje aqui saudo ;
o homem que nos faz do sceptro escudo
 e do throno uma grei ;
em quem o pobre encontra sempre um braço,
e que sabe apertar no mesmo laço
 a liberdade e a lei.

Salve, pois, digno irmão d'esse monarcha,
Tito no coração na alma Petrarcha,
 que Deus nos quiz levar!...
Este povo, que adora a liberdade,
tambem se curva aos pés da Magestade
 que a sabe respeitar.

SO'

Oh! que saudades tão longas
pode ter um coração,
quando na aurora da vida
vê em torno a solidão!...

Vinte e dois annos!... que inuteis
se as rosas da mocidade
me vão cahindo uma a uma
aos ventos da soledade!...

Vinte e dois annos!... e quantos
outros mais eu viverei
sem ter visto aquella imagem
que em longas noites sonhei!

Sonhar... sonhar!... é a vida;
a realidade é tão fria
para as almas possuidas
do demonio da poesia!...

A poesia, aquelle abutre
eterno de Prometheu
que roe de continuo as almas
que ousaram subir ao ceu!

Dai-me a existencia um só dia,
Senhor, como a certas flôres,
mas dai-m'a cheia de affectos
mas dai-m'a cheia de amores.

O amor . . . o amor é a vida,
e eu ainda não vivi . . .
e uma alma assim tão sosinha
não sei que faz por aqui.

Faz o que eu faço, que peço
às rhimas aquelle harpejo
que não pude achar ainda
nas rhimas doidas de um beijo.

Faz o que eu faço, faz versos
a amantes que nunca viu,
imaginando que sente
paixões que nunca sentiu.

Lê o Petrarca, e suspira;
lê Lamartine, e entristece;
lê Camões, mais triste fica;
lê Byron e empallidece.

E traz a cabeça em chammas,
traz em fogo o coração,
e tem uns amores loucos
com não sei que aparição.

E passa como uma sombra
n'esta vida, que lhe é noite,
sem ter collo onde se abrace,
sem ter seio onde se acoite.

Ai! como é longa esta vida
para um pobre coração,
que não tem, sendo poeta,
quem lhe dê a inspiração!...

A CAMÕES

Influencia fatal da tua estrella!
Ha destinos assim, e o teu, poeta,
quasi nos faz descrêr da providencia!
Em cada flôr achaste mil espinhos;
tua alma toda luz, e fogo e crenças
finou-se de saudades n'um exilio!...
Pagaram-te um poema como a Iliada
co' a enxerga do hospital!... Raça de frades!...

Mas o mundo córou de tanta infamia,
astro a brilhar no seio do infinito,
e adora-te depois do teu occaso.

Tu, pois, que n'esta vida foste um martyr,
na morte, como o Christo, nos perdoa...

bem cara esta vergonha temos pago.

Ai! da nação de heroes que tu cantaste
talvez nem a memoria hoje restasse,
se o teu livro não fosse o que tu foste:

a luz suspensa ao carro do progresso
tomando vulto ao passo que se avança
na noite do porvir!

Salve, poeta,
monumento gigante do passado

erguido nos confins da nossa gloria!

Morreu contigo a patria... tu disseste-o;

mas se te deu o leito da miseria

teve ella o jugo vil dos sessenta annos...

Perdôa á desgraçada... é tua patria.

ADORMECIDA

Silencio !... fallai baixo...! dorme a bella ;
adeja-lhe nos labios um sorriso,
que o dissereis um ar do paraiso
a perfumar-lhe as faces, a envolvel-a.

Silencio !... fallai baixo, que ella acorda,
e é maldade acordar quem sonha rindo ;
deixai, deixai que expanda assim dormindo
o jubilo em que o seio lhe trasborda.

Não sabeis que existencia é um sonho quando brota em sorrisos taes n'um labio puro !...

E' como se ao sahir de um antro escuro entrassemos n'um templo venerando.

Que linda !... Ai ! eu não sei se a flôr curvada ao beijo perfumado de uma aurora tem mais mimo e frescôr do que ella agora assim, soltas as tranças reclinada.

Eu já vi nos meus sonhos, pelas sestas, surgir ao pé de mim, mas não sei d'onde, um anjo que se curva e que me esconde nas tranças que eu jurava serem estas . . .

As tranças eram de oiro... vi-as perto ;
e o mesmo ar socegado, e o mesmo riso,
e se a dormir seus olhos não diviso,
nunca eu de uns olhos soube a côr ao certo.

Não é visão, não é... Visões tão bellas !...
E uma visão não dorme, nem respira ;
e se ha visões assim, quem não suspira
por ter n'um sonho uma visão d'aquellas?

Quem a vida levára assim sonhando !...
Ao menos não te vira a ti dormindo,
anjo, que me roubaste a alma sorrindo
sem eu saber por que, nem como e quando.

EN AVANT

(A Guilherme Braga)

Desfez-se á immensa luz da idéa nova
a sombra que pesava como um crime
por sobre as multidões;
o vulto informe e vão da idade media
esconde-se nos antros do passado
soltando imprecações.

Compr'hendeu-se afinal que a vida é santa
por que é Deus que a dispensa, o Deus-bondade
e não o Deus rancor.

O Christo, o louro filho de uma virgem,
surgiu de novo abençoando os mundos
com palavras de amor.

A verdade!... a verdade!... eis nosso rumo!
Não me venham dizer que o pensamento
não nos conduz aos ceus;
eu creio na rasão como em Deus mesmo,
creio no sentimento, irmão da idea,
filha do proprio Deus.

Creio que a intelligencia é a luz esplendida
guiando a humanidade pensativa
á futura Chanaan,
cada homem um ser que traz na fronte
escripto desde o berço o seu destino,
o mystico — En avant! —

Eu vejo em tudo a grande lei do Eterno :
cada homem depõe no altar da vida
a offrenda ao Creador ;
Kepler offerta a lyra das espheras,
Gutemberg a palavra do universo
e Fulton o vapor !...

Colombo arranca ao seio do Oceano
a perola escondida das Americas
mostrando-a á luz do sol,
e a humanidade inteira solta um grito
vendo raiar da frente de Luthero
mais um grande arrebol.

Nós, que abrimos as portas do Oriente,
que andamos pelos mares recolhendo
Malaca, Ormuz, Ceylão,
nós, primeira nação da nova idade,
curvámos a cabeça laureada
á voz da Inquisição !

Que longa somnolencia!... O mundo absorto
nas augustas conquistas da sciencia
esqueceu-nos por fim,
e em quanto nós resando adormeciamos,
lá fora erguia a voz para o infinito
Descartes e Franklin.

Afinal acordamos do lethargo!
Abençoada a aurora d'esse dia...
Portugal não morreu!
Ao sol da liberdade tudo esplende!...
Garrett encontra a mascara de Eschylo,
Catão é Prometheu!

Herculano desfaz na mão robusta
os velhos preconceitos dos fanaticos
e escreve os seus Annaes,
Castilho encontra a lyra de Virgilio,
e ouvindo-a Portugal cobre de beijos
os Passos e os Leaes.

Sejamos dignos de tão boa herança,
não paremos estaticos olhando
tão illustres brasões,
falle em nós este santo amor da patria,
avante no caminho das conquistas
que nos chama Camões!

Avante !... E em cada peito o entusiasmo
faça nascer a flôr abençoada
da esp'rança do porvir !...
O mundo já sentiu que caminhamos,
a terra promettida já se avista,
agora é proseguir.

DE JOELHOS

Abre os teus olhos languidos,
ó pomba adormecida !...
quero aspirar a vida
na luz de um teu olhar.
Ergue os teus seios tremulas
e as formas delicadas
de sobre as almofadas
e deixa-te adorar.

Ergue-te, virgem pallida !...
fascine-me um teu riso ;
abre-me o paraíso
dando-me a inspiração.
Quero contar-te em jubilos,
em beijos e em loucuras
as fundas amarguras
da minha solidão.

Meu coração tristíssimo,
como a pomba sem ninho,
tem vívido sosinho
buscando-te a cantar ;
e este viver na ausencia
vai-lhe matando o alento,
ave que contra o vento
voou até cançar.

Ai ! não negues ao tímido
consolações e vida...

Meu Deus, se a flôr pendida
não pode reviver?!...
Oh! pode, sim, eu quero-te...
quero viver uma hora,
embora... muito embora
venha perto o morrer.

E's, como as virgens, pudica,
és, como os anjos, casta ;
um teu olhar me basta,
vivo de um teu olhar,
que nos teus olhos humidos
ha não sei que de vago
que faz lembrar um lago
visto á luz do luar.

Desprende as azas lucidas,
doirada borboleta,
e torna-me poeta
e torna-me cantor,

dá-me o baptismo angelico,
de um teu brando carinho...
eu vivo tão sosinho!...
Oh! dá-me o teu amor.

PEJO?

« — Juro-te, guardo segredo
se tu me deres um beijo;
não te convences, bem vejo,
mas juro, não tenhas medo.

E se alguém m'ò perguntar,
hei-de negar, affianço;
podes ficar em descanço,
ninguem ha-de suspeitar.

Mas se tens inda receios
de que eu não seja discreto,
lembro-te um meio selecto...
talvez o melhor dos meios :

Em vez de vires aqui
dar-me um beijo envergonhado,
eu fico sendo o culpado
dando-te os beijos a ti — »

Com taes vantagens á vista
hesitou, mas foi cedendo...
Eu porem fiquei sabendo
que era uma grande egoista.

A

UM ARTISTA BRAZILEIRO

Um dia uma alma grande, um grande genio
pensou vêr muito ao longe no horisonte
fantasticos jardins,
e transpondo o Oceano, aguia alterosa
poisou beijando a terra promettida
em ignotos confins.

Depois ergueu-se; a luz-dos inspirados
brilhava n'esse olhar que elle estendia
ao largo pelo mar!...

Os ventos sussurraram nas florestas
e ao longo das quebradas como qu'rendo
esse vulto adorar!...

Das rochas espumaram mil torrentes,
os eccos acordaram assustados
dos homens ao labor,
e o carro do progresso arando os plainos
deixou apoz de si do immenso transito
um estranho rumor!...

O sol, que ao levantar-se vira páramos,
doirou á tarde o tecto dos palacios
e o cimo ás cathedraes;
e a lua, que escutava pensativa
o canto ao sabiá, ouviu scismando
da lyra os meigos aís.

*

Tudo tremeu, brilhou, fulgiu no espaço
como se o proprio Deus elaborára
segunda criação !...

E viu-se um povo de hontem indo á frente
dos mais povos na estrada do progresso
ébrio de inspiração !

Eis, pois, a tua pátria, ó nobre artista ;
doirou-te o berço a luz de outro hemispherio,
um sol inspirador ;
depois scismando á sombra das florestas
aprendeste harmonias não sabidas
no seu vago rumor !...

Abriu-te a patria os seios uberantes,
e a seiva fecundante do talento
nas veias te ferveu !...

Ergueste ao ceu a fronte abraseada...
Era chegada a hora dos prodigios ;
tu'alma estremeceu.

Sentiste então arfar-te o peito em ancias,
como se te faltasse o ar lá dentro
e transposeste o mar!...

A chamma do talento é como a estrella,
quer espaços sem fim e ceus sem termo
para melhor brilhar.

Vai, pois, vai teu caminho, oh! mas na volta
à patria, não deslembres esta terra,
o velho Portugal;
e leva a teus irmãos um longo abraço,
um abraço estremoso, que lh'o enviam
os netos de Cabral.

MARIA

Entre as sombras da immensa procella
ha no ceu sempre um raio de luz...
teu olhar, como o brilho da estrella,
os meus passos na vida conduz.

Bebe a flôr n'um sorriso da aurora
luz e seiva, perfume e frescor,
e a minha alma, que os risos te adora,
bebe o ceu n'um teu riso de amor.

E's o centro divino a que tende
o meu ser, sequioso de bem,
és a cruz que os dois braços me estende
como a um filho os estende uma mãe.

E's a flamma sagrada da idea
que á minha alma no escuro desceu
e a palavra de amor que incendeia
e o thesouro que é meu e só meu.

E's o vaso de mystico aroma
que uma fada me deixa aspirar,
e o salgueiro de tremula coma
que desenha no rio o luar.

E's a rosa onde a brisa suspira
como beijos furtando-lhe a rir,
és a corda mais doce da lyra
que eu por ti tentarei desferir.

E's a bella das bellas, mais linda
do que as santas de mais devoção,
e se és bella nas formas, ainda
és mais bella em grandeza e paixão.

GOIVOS

Fugiu-me como a luz foge da sombra,
fugiu-me como a estrella á tempestade,
fugiu-me sem deixar mais claridade
que um sol depois do occaso deixa á alfombra.

Fugiu-me como a luz de um bello dia,
fugiu-me como a concha foge á vaga,
como a virgem que em sonhos nos affaga
fugiu-me quando os braços lhe estendia.

Fugiu-me como a nuvem do Occidente,
leve e da côr da rosa, foge aos ventos,
fugiu-me como os grandes pensamentos
que ella soube inspirar-me brandamente.

Fugiu-me como o adeus foge na aragem,
fugiu-me como um ai foge do peito,
como ainda de junto do meu leito
me foge, se desperto, a sua imagem.

Fugiu-me como a sombra do meu vulto,
fugiu-me como o riso dos meus labios,
Fugiu-me como foge inda aos mais sabios
o segredo da morte, o mais occulto.

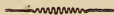
Fugiu-me como a pomba da esperança
sem me deixar o ramo, e eu vago incerto
nos mares da existencia, o ceu coberto
sem bussola, sem leme e sem bonança.



Pensar eu que me deste
n'um teu sorriso o ceu,
e vêr que te escondeu
a sombra de um cypreste !

Pensar eu que vivia
da luz do teu olhar
para t'o vêr fitar
na luz do eterno dia,

é ver-me compellido
a renegar da fé
em Deus, se Deus não é
palavra sem sentido.



Não tens seio onde te escondas,
coração, perdeste o rumo!
Se a ventura é como o fumo!...
Se a desgraça é como as ondas,
que apoz uma, que ergue o vento,
vem um cento.

LA DANCEUSE

Quando em requebros languidos,
airosa borboleta,
a sorrir inquieta
pizas de leve o chão,
parece-nos que as sylphides
da grega antiguidade
são mais uma verdade
que poetica ficção.

A arvéloa que se lança
pelos ares cantando
o alvo cysne boiando
n'um lago todo anil,
não tem o teu encanto,
não tem essa belleza,
vôa aquella mais preza,
este é menos gentil.

Quando em teus vôos rapidos
nos foges vaporosa,
ou afrouxas langorosa
como para adejar,
pareces-nos a dryade
de uma encantada selva
que vem dançar na relva
em noites de luar.

Tu, n'uma volta breve
sobre o pé pequenino
ou n'um giro continuo
como louca de amor,
semelhas folha solta
ao vento dos espaços,
ou fada que em seus braços
endensa alguma flôr.

SANTELMO

Deixa que pouse a fronte em teu regaço
o viajante morto de cansaço,
coberto de suor;
não te ha-de macular o pó da estrada,
hei-de lavar-te a veste perfumada
com lagrimas de amor.

Foi longa a minha via dolorosa,
o caminho não tinha uma só rosa
nem uma folha só !...

Este exílio de amor foi-me um deserto,
até o proprio ceu achei coberto
por turbilhões de pó.

Não sei como vivi. . . se, aquillo é vida,
vêr a arvore da fé toda despida
e morto o coração ;
ter sempre os olhos fitos no passado
e um dia vêl-o em fumo dissipado...
ai! não é vida, não.

A vida és tu, porque eu morri perdendo-te,
não por que te não visse, estava vendo-te
mesmo longe de ti ;
morri por que julguei que renegáras
aquelle santo amor que me juráras...
e a que eu tambem menti! . . .

Menti doido de amor, na desp'rança,
a chorar... a chorar como a criança
que não sabe negar!...

Menti-te na loucura, no delirio!...
impunha-me a mim proprio este martyrio,
querendo-me vingar!

Ai! que inferno de amor, meu Deus, que inferno!...
E eu sempre a vêr-te em sonhos o olhar terno
e o riso virginal!...

Fugia de mim mesmo... estive louco;
depois veio o lethargo pouco a pouco
e adormeci no mal!

Que vida de loucuras!... que demencia!
Futuro, coração, intelligencia,
tudo prostitui!
Arrastei-me no lodo como um verme
procurando matar-me ou esquecer-me
para sempre de ti.

Opéra-se hoje em mim novo génesis,
depois de ter libado até ás fezes
o meu calix de dôr ;
brilha em minha alma o iris da bonança,
allumiou-me o abysmo a luz da esp'rança...
sorri-me o teu amor.

Ergo-me á luz da vida estremecendo ;
anda a sorrir-me tudo o que estou vendo...
tudo hoje me sorri !...
Tudo em torno de mim traja de festa ;
até o vago harpejo da floresta
me vem fallar de ti.

Cobre-me um ceu de amor todo alegrias ;
ha perfumes no ar e melodias
que eu não sei d'onde vem.
A vida !... a vida !... eu quero-a !... E' tão formosa
quando temos na terra mão piedosa
que nos conduz ao bem !

Deixa que pouse a fronte em teu regaço
o viajante morto de cansaço,

de um longo caminhar ;

foi tão grande o martyrio d'esta auzencia,

que eu preciso do abrigo da innocencia

para me repousar.

BRINDE ACADEMICO

Quem um dia surgiu do baptismo
que a sciencia nos dá para o bem
não se curva ante o vil despotismo
nem humilde se dobra a ninguem.

Embalou-nos o som da peleja
que fez pó todo o sceptro dos reis,
e esta luz que em nossa alma lampeja
só nos manda curvar ante as leis.

Quem um dia sentiu dentro d'alma
justo orgulho de ser portuguez
encontrou já no berço uma palma,
que ninguem calcará a seus pés.

Chove a luz a torrentes do espaço
sobre as almas que a idêa incendeu ;
nós sentimos o mystico abraço
que a sciencia inda jovens nos deu.

Sômos filhos de heroes, somos povo,
temos intima fé no porvir :
Portugal ha-de erguer-se de novo
e nos ceus de outra idade fulgir.

Desfraldêmos aos ventos da aurora
o pendão que á victoria conduz !...
Não ha sangue nas lutas de agora ;
falle em nós sempre o verbo da Cruz.

Resurjamos á voz do infinito!...
o futuro nos chama... é partir!
— Portugal! — seja pois nosso grito!
Ao porvir, meus irmãos, ao porvir!

Ao porvir, ao porvir, á victoria!...
Surja a terra do Gama outra vez!
Levantemos nos braços da historia,
solto ao vento, o pendão portuguez!

MAGOA

(A Ernesto Pinto d'Almeida)

A's vezes quando vejo pensativo
o ceu ir entre as sombras desmaiando,
quando o vento do mar — leão captivo —
parece a voz de Deus os soes chamando,

figura-se-me ver-te, ó branca imagem,
envolvida na luz do firmamento,
e ouvir a tua voz, solta na aragem,
murmurar-me não sei que estranho alento.

E sinto aliviar-se esta saudade,
que me não foge da alma um só instante
depois que revoando á eternidade
de meus braços ficaste assim distante.

Tão longe!... E eu sem saber se além da morte
há mais vida do que esta onde se encontram
as almas que attrahiu o mesmo norte,
os seres que um destino igual affrontam.

Quem, meu calix sagrado, te ha partido?
O' cruz do meu altar, quem te ha quebrado?
Thesouro sem igual, quem te ha sumido?...
Biblia do meu amor, quem te ha fechado?

Quem fez d'aquelle amor uma lembrança?
Quem fez de tudo aquillo uma saudade?
quando, apenas no goso de uma esp'rança
sentia em mim o ardor da mocidade?...

Quando, louco de fé, moço e amante,
me andava o peito a arfar em devaneios,
como a virgem que aos gritos de um infante
sentia entumecerem-se-lhe os seios?...

Fechou-se-me o poema do universo;
já nem sei lêr no livro das estrellas,
o meu olhar em sombras sempre immerso
não póde, inda que tente, percebê-las.

Parece que nas dobras da mortalha
se foi contigo o amor da propria vida,
por que eu não acho aqui nada que valha
a magoa de te vêr de mim perdida.

Perdida como a luz que o vento apaga;
perdida como a flôr que o vento leva;
perdida como a perola na vaga;
perdida como o fumo que se eleva...

Perdida como a areia no deserto,
perdida como a voz na immensidade;
perdida como a estrella em ceu coberto;
perdida para mim na eternidade.

A

ARTHUR NAPOLEÃO

Espera. Tambem eu quero saudar-te,
por que eu tambem, idolatra do bello,
creio na inspiração ;
tu exprimes a idea na harmonia,
eu busco traduzir pela palavra
os sons do coração.

O culto é o mesmo, a forma é que é diversa ;
mas tu como os antigos sacerdotes
ou druydica vestal
és só o que conheces os mysterios
da religião do bello, do intangivel,
do immenso, do ideal.

Viu-te nascer o Porto, onde um archanjo
te deu o beijo santo que é o baptismo
dos grandes e dos bons ;
e apenas deixas, timido, o teu berço
lanças no espaço um grito que se muda
n'uma chuva de sons.

Era bello então ver-te inda criança,
Messias quando infante, confundindo
a todo o sabedor!...

Era bello então ver-te, arvêloa implume,
alando-te ás regiões serenas da arte
com azas de condôr!...

Pasmaram do prodigio os mais descrentes !
E' que a luz de um talento assim fascina
quando nos fere o olhar !
Póde fitar-se a alampada das noites ;
mas o sol, o primeiro dos prodigios,
não se póde fitar.

Ergueste aqui os teus primeiros vôos ;
depois, firmando o pé, subiste aos ares
rasgando a immensidão !...
A andorinha quer sol e vida e flores,
e tu sempre encontraste primaveras
em cada região.

Cada som que enviavas aos espaços
parece que levava em si envolto
o germen de uma flôr,
por que chegando ás almas dos que ouviam
transformavam-se todos em grinaldas
e em canticos de amor !

A's horas do descanso tinhas sempre
o genio da victoria junto ao leito
velando-te o dormir,
e por sobre o docel o archanjo pallido
da patria abria as azas luminosas
olhando-te a sorrir.

Abriste ante a columna do teu genio
uma estrada da luz que tarde ou nunca
o vento ha-de apagar!..
Pódes pousar a fronte como Tito,
soubeste como poucos n'esta vida
o dia aproveitar.

Mas tu inda nem pensas no descanso,
o teu dia nem mesmo vai em meio,
o estio começou;
e agora tendo em vista novos rumos
vens de novo inspirar-te aos ceus da patria;
foi Deus que te guiou.

Podes seguir avante o teu caminho ;
bem vês, tens a victoria mais que certa...
 aqui tudo o faz crêr:
este povo de irmãos que te estremecem
melhor te diz n'um bravo clamoroso
 o que eu não sei dizer.

As almas como a tua são as aves
que só sabem voar na tempestade,
 e a gloria é um vendavel ;
mas na louca vertigem dos triumphos
não deixes esquecer um grande nome,
 a patria, Portugal *.

* Recitada no theatro de S. João do Porto pelo actor Santos ao Litz Portuguez.

NA ALDEA

(A J. M. Nogueira Lima)

A aurora já purpurêa
toda a banda do Oriente,
a pé, meu corpo indolente,
a pé, que estamos na aldêa !
.....

Em quanto me estou lavando
oiço fallar um creado
entre bocejos ao gado,
que o escuta ruminando.

Abro depois a vidraça
e a brisa da madrugada,
fresca, leve e perfumada
pelas faces me esvoaça.

E vejo ao tanque do poço
irem lavar-se os creados ;
e o fumo de alguns telhados
já presagia o almoço.

E do pomar todo flôres,
onde gorgeliam mil aves,
vem perfumes tão suaves,
vem tão suaves olores !...

Desço depois á cosinha,
onde estala uma fogueira
de paus velhos de parreira
ou de estacas de uma vinha.

Alli *moçoila* corada
dá-me os bons dias com pejo
por que se lembra de um bejo
que eu lhe dei n'uma esfolhada.

(Conselhos de alguma velha,
o pejo da rapariga ;
pois se eu achára uma espiga
entre as outras tão vermelha !...)

Saio então, e logo á porta
sinto um rafeiro ao meu lado
latir alegre e orvalhado
por ter dormido na horta.

Adiante um perdigueiro,
que vai doido de contente
a ladrar a toda a gente,
alvorota um gallinheiro.

Depois a matilha inteira
por sobre os montes de mato
persegue um pobre de um gato,
que lhe foge na parreira.

Mais longe uma rapariga,
a quem sei dos *conversados*,
vem de olhos no chão pregados
por que foi á desobriga.

Depois encontro um visinho
á porta da sua adega
e que todo se arrenega
se não lhe provo do vinho.

Mais abaixo o bom do abbade
vem contar-me quantas petas
leu nas ultimas gazetas,
que vieram da cidade.

E accendendo as maravalhas
dòs seus gostos reaccionarios,
vai contando os casos varios
de sanguinosas batalhas.

Narra-me então co' a bengala
as guerras do Piomonte,
e o successo de Aspromonte
em que figurou *a bala*.

E assim de quadro em quadro,
cada qual mais feio e toscó,
vamos a parar comnosco,
sem dar por isso, no adro.

Quando a aurora purpurêa
toda a banda do Oriente,
quem pode ser indolente
na primavera e na aldêa ?

DESAPONTAMENTO

(No album de Antonio Moutinho
de Sousa)

Eramos sós n'uma sala;
ella em silencio, eu fallava;
e a mim tremia-me a falla
e a *ella* a mão que eu beijava.

Amo-te, disse-lhe, e ella
córrou, como adivinhando
que, se pallida era bella,
era mais bella córando.

Pedi-lhe baixinho um bejo,
e ella curvou a cabeça,
e depois disse com pejo
« Não é cousa que se peça ! »

— Não é? mas rouba-se — E n'isto
(Vejam como eu ficaria!)
á porta da sala avisto
um priminho que se ria.

A

FRANCISCO TABORDA

Doirou-te a fronte augusta o sol da intelligencia,
deu-te o beijo de amor a pallida Psyché
que se chama talento, essa estranha demencia
dos homens como Tasso, ou Dante ou Mahomet.

Dos homens como tu, dos homens dos prodigios,
dos homens que vão sempre atraz de uma visão,
que lhes deixa ao passar na terra por vestigios,
aqui um Capitolio, além um Pantheão.

Semeadores do bem, do bello e da verdade
deixaes em cada sulco uma esteira de luz,
e colheis muita vez por messe a crueldade,
a fome, a ingratidão, a cicuta ou a cruz !

A historia é a ingratidão cantada n'um poema !
E' grande, bem o sei, do grande Vasco a nau ;
mas onde irei eu lêr o ignorado lemma
do triste scismador dos ermos de Macau.

O espirito de Deus passou por sobre os povos
erguendo ao firmamento as almas como soes,
e rasgando no ceu mil horizontes novos,
fez do sangue dos bons surgir centos de heroes.

E agora, Deus louvado, a c'rôa da desgraça
já raro vem cingir uma fronte real,
e quando um pensador diante de nós passa,
não vai para morrer na enxerga do hospital.

Entre nós e o passado ha um profundo abysmo,
entre nós e o passado ergueu-se a inquisição,
essa idéa infernal, irmã do despotismo
que transforma o algoz em deus de redempção.

Outra idade nos luz, outro porvir nos chama,
e, se não temos já mais terra a descobrir,
temos mundos sem fim que o sol do amor inflamma,
os mundos do ideal, os mundos do porvir !...

Os mundos do trabalho, os mundos da sciencia,
esse mytho real da escada de Jacob ;
mundos de que é Colombo o genio, a intelligencia,
um Victor Hugo, um Talma, um Kant, um Mirabeau.

Tu, como elles tambem unguido do talento,
encontraste na scena a virgem do ideal,
e, pallido de assombro, olhando-a um só momento,
gritaste, ébrio de amor : — Afinal!... afinal!... —

Entrara-te no peito a sede da victoria,
inundava-te a mente a luz da inspiração,
e atirando-te cego á conquista da gloria
choveram-te na estrada as flôres da ovação :

Agora, ó lutador, já vês postar-se em ala
o povo, o grande heroe, para te vêr passar!...
Converteste o theatro em recinto de gala,
e o palco para ti fez-se de thronò altar !

Doira-te a frente augusta o sol da intelligencia,
deu-te o beijo de amor a pallida Psyché
que se chama talento, essa estranha demencia
que a nós, filhos da luz, nos faz erguer de pé.

INDICE

A meu Pae.	7
Em vez de prologo.	9
Riligio (a Custodio José Duarte).	13
A' actriz Emilia das Neves.	18
De noite.	21
O rouxinol.	23
Desenganos (ao snr. J. D. Ramalho Ortigão).	28
Similia similibus...	34
No tumulto de uma criança.	36
Sonhos (a Pedro de Lima).	37
Ave Christe! (a J. Maria Regalla).	42
Harmonias vagas.	45
Solidão (a J. Dias d'Oliveira).	48

Prece.	54
Aos academicos de 63.	58
Excommungado (no Album de C. J. Duarte).	62
Visão (a Cherubino Lagoa).	67
Ao partir.	72
Ao rei.	74
Só.	78
A Camões.	82
Adormecida.	84
En avant (a Guilherme Braga).	87
De joelhos.	92
Pejo ?	96
A um artista brasileiro.	98
Maria.	102
Goivos.	105
La danseuse.	109
Santelmo.	112
Brinde academico.	117
Magoa (a Ernesto Pinto d'Almeida).	120
A Arthur Napoleão.	124
Na aldêa (a J. M. Nogueira Lima).	129
Desapontamento (no Album de A. Moutinho de Souza).	135
A Francisco Taborda.	137



Erratas

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
47	12	viva	vivo
61	12	saudado	saudada
99	11	do immenso	no immenso
111	8	endensa	endeusa
127	8	da luz	de luz
128	9	vendavel	vendaval

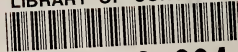
Year	Month	Day	Amount
1864	Jan	1	100
1864	Feb	1	100
1864	Mar	1	100
1864	Apr	1	100
1864	May	1	100
1864	Jun	1	100
1864	Jul	1	100
1864	Aug	1	100
1864	Sep	1	100
1864	Oct	1	100
1864	Nov	1	100
1864	Dec	1	100







LIBRARY OF CONGRESS



5

0 027 250 924 4